



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

HUGO RIBEIRO ARAUJO

CORRESPONDÊNCIA SONORA ENTRE A LEITURA *ON'YOMI* E MANDARIM

BRASÍLIA
2024

HUGO RIBEIRO ARAUJO

CORRESPONDÊNCIA SONORA ENTRE A LEITURA *ON'YOMI* E MANDARIM

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo curso de Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília (UnB).

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka.

BRASÍLIA

2024

HUGO RIBEIRO ARAUJO

CORRESPONDÊNCIA SONORA ENTRE A LEITURA *ON'YOMI* E MANDARIM

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo curso de Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília (UnB).

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka.

Aprovado em: 28/08/2024

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka

Examinador(a): Profa. Dra. Alice Tamie Joko

Examinador(a): Prof. Dr. Fausto Pinheiro Pereira

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela conclusão deste curso que tanto quis.

A minha mulher Angélica, por me dar apoio e coragem.

A minha sogra Zeile e sua família, pelo carinho.

Aos meus pais, pela paciência.

Aos meus amigos Luís Thiago, Lucas, Maria Clara e Sarana, pela parceria e alegrias no convívio da UnB.

Ao meu orientador Marcus Lira, pelo incentivo e dedicação.

Aos professores da área de japonês e demais colegas, pelo auxílio na minha formação.

Muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise sobre a relação entre a leitura *on'yomi* da língua japonesa e o mandarim moderno, em ideogramas compartilhados. O objetivo principal é designar equivalência sonora nos dois idiomas. Dessa forma aprofundamos no contato linguístico ocorrido nos empréstimos *go-on* e *kan-on*, oferecendo um breve histórico bibliográfico. Mediante metodologia comparativa em linguística histórica baseada em Crowley e Bower (2010), identificamos em três etapas as correspondências sonoras em fonemas iniciais e finais de palavras. Nesse processo, também abordamos a adaptação fonética e fonológica na língua japonesa em relação ao chinês antigo, evidenciando mudanças linguísticas regulares do *on'yomi*. Os resultados obtidos indicam uma influência maior dos empréstimos *kan-on* no *on'yomi*, tanto pela frequência de uso, quanto por representar as leituras mais divergentes. O *corpus* utilizado neste estudo é composto por uma seleção do *Jōyō kanji*, uma lista que reúne os ideogramas a serem empregados em textos oficiais no Japão. A seleção dos *kanji* foi orientada por critérios de ênfase na relação etimológica sino-japonesa. Por fim, criamos um quadro de correspondências com as informações, permitindo visualizar as semelhanças e diferenças entre *on'yomi* e mandarim. Atestamos que embora existam muitos cognatos, há poucos fonemas idênticos.

Palavras-Chave: Correspondência sonora. Linguística histórica. Método comparativo. *On'yomi*. Mandarim.

ABSTRACT

This work presents an analysis of the relationship between the on'yomi reading of the Japanese language and modern Mandarin, in shared ideograms. The main objective is to designate sound equivalence in both languages. In this way, we delve deeper into the linguistic contact that occurred in the go-on and kan-on loans, offering a brief bibliographical history. Using a comparative methodology in historical linguistics based on Crowley and Bower (2010), we identified in three stages the sound correspondences in initial and final phonemes of words. In this process, we also addressed the phonetic and phonological adaptation in the Japanese language in relation to ancient Chinese, evidencing regular linguistic changes of on'yomi. The results obtained indicate a greater influence of kan-on loans in on'yomi, both due to the frequency of use and because they represent the most divergent readings. The corpus used in this study is composed of a selection of Jōyō kanji, a list of ideograms to be used in official texts in Japan. The selection of kanji was guided by criteria that emphasized the Sino-Japanese etymological relationship. Finally, we created a correspondence table with the information, allowing us to visualize the similarities and differences between on'yomi and Mandarin. We found that although there are many cognates, there are few identical phonemes.

Keywords: Sound correspondence. Historical linguistics. Comparative method. On'yomi. Mandarin.

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

CEFR	Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas
EMC	<i>Early Middle Chinese</i>
EMJ	<i>Early Middle Japanese</i>
IPA	<i>International Phonethic Alphabet</i>
J-Ch	<i>Japanese-Chinese</i>
JK	<i>Jōyō kanji</i>
JLPT	<i>Japanese Language Proficiency Test</i>
LMJ	<i>Late Middle Japanese</i>
LOJ	<i>Late Old Japanese</i>
MC	<i>Middle Chinese</i>
MC-Md	<i>Middle Chinese-Mandarim</i>
Md	Mandarim
Md-On	<i>Mandarim-On'yomi</i>
NJ	<i>New Japanese</i>
N5	Nível 5
On	<i>On'yomi</i>
OJ	<i>Old Japanese</i>
Séc	Século
SJ	<i>Sino-Japanese</i>
:	Equivalência
>	Mudança/Derivação
//	Transcrição fonológica/fonêmica
[]	Transcrição fonética

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Desenvolvimento histórico da língua japonesa.....	13
Figura 2: Os quatro tons do mandarim.....	22
Figura 3: Comparação de consoantes iniciais entre EMC e <i>on'yomi</i>	25
Figura 4: Comparação de consoantes finais entre EMC e <i>on'yomi</i>	26
Quadro 1 - Exemplos de cognatos entre mandarim e <i>on'yomi</i>	31
Quadro 2 - Pares de correspondência sonora.....	32
Figura 5: Relação triangular da associação sonora.....	34
Figura 6: Lista aproximada de <i>kanji</i> atribuídos ao N5.....	36
Quadro 3 - Correspondências Sonoras Md-On.....	48

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS.....	7
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	8
1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Justificativa.....	11
1.2 Contextualização.....	11
1.3 Objetivo geral.....	12
1.3.1 Objetivo específicos.....	12
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	13
2.1 Língua japonesa.....	13
2.1.1 Contato linguístico da língua chinesa no Japão.....	14
2.1.2 Leitura <i>On'yomi</i>	15
2.1.2.1 <i>Go-on</i>	16
2.1.2.2 <i>Kan-on</i>	17
2.2 Língua Chinesa.....	19
2.2.1 Mandarim moderno (<i>Putonghua</i>).....	20
2.2.2 <i>Pinyin</i>	21
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	23
3.1 Empréstimos Linguísticos.....	23
3.2 Mudanças fonéticas.....	24
3.2.1 Sons iniciais (<i>onset</i>).....	24
3.2.2 Sons finais (<i>offset</i>).....	25
3.3 Linguística Histórica.....	26
3.3.1 Método comparativo.....	28
4. METODOLOGIA.....	30
4.1 Passo 1: Juntar cognatos.....	30
4.2 Passo 2: Indicar fonemas correspondentes.....	32
4.3 Passo 3: Associação sonora.....	33
5. CORPUS.....	35
5.1 <i>Jōyō kanji</i>	35
5.2 Critérios para escolha dos ideogramas.....	35
5.3 <i>Kanji</i> selecionados.....	36
6. ANÁLISE.....	38
6.1 Inicial y-.....	38
6.2 Acréscimos na terminação -t.....	39
6.3 Inicial z-/s-.....	40
6.4. Inicial n-/j-.....	41

6.5 Inicial g-.....	42
6.6 Acréscimos na terminação -k.....	43
6.7 Inicial k-.....	44
6.8 Inicial b-/h-.....	44
6.9 Terminação -n.....	45
6.10 Inicial m-/b-.....	46
6.11 Observações.....	47
6.12 Quadro de correspondências sonoras mandarim-japonês.....	48
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50
ANEXO A - ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL PARA CONSOANTES.....	52

1. INTRODUÇÃO

1.1 Justificativa

A leitura chinesa dos ideogramas no japonês, conhecida como *on'yomi* (leitura chinesa), não segue estritamente a pronúncia atual na China. A leitura similar ou diferente propicia campo de pesquisa na relação entre a língua japonesa e o mandarim, no que confere aos ideogramas em comum. Ao buscar as correspondências sonoras que existem entre os dois idiomas, averiguamos a influência de formas arcaicas de pronunciar no desenvolvimento linguístico. E sob uma perspectiva diacrônica, compreendemos mais sobre a evolução da fonética e da fonologia japonesa.

A compreensão do processo de adaptação das leituras de ideogramas de origem chinesa no japonês é relevante para os estudos da língua japonesa e para a análise da migração de conceitos linguísticos entre China e Japão. Ao categorizar possíveis correspondências sonoras atuais entendemos as diferenças dos empréstimos linguísticos japoneses entre si, entre o chinês antigo e o mandarim atual. Dessa forma, interessados em ambos os idiomas podem entender melhor as características dessa relação.

1.2 Contextualização

O mandarim e o japonês compartilham uma rica herança cultural, refletida em seus sistemas de escrita, especificamente no uso de caracteres chineses, conhecidos como *kanji* no Japão. Muitos desses caracteres mantiveram leituras específicas, chamadas de *on'yomi*, quando incorporados ao vocabulário japonês. Com o passar dos anos estas formas de pronunciar os caracteres foram evoluindo nos dois países. No mandarim, mudanças significativas na fonética e fonologia também ocorreram em relação ao chinês antigo. Estudos sobre reconstrução linguística envolvendo esses dois idiomas são importantes para nossa compreensão sobre a evolução linguística e cultural da região.

1.3 Objetivo geral

- Designar correspondências sonoras entre a(s) leitura(s) *on'yomi* e o mandarim padrão, transcritos através do sistema Pinyin para mandarim, romanização Hepburn para japonês.

1.3.1 Objetivo específicos

- Aprofundar-se no conhecimento acerca do contato linguístico ocorrido nos empréstimos *go-on* e *kan-on*;
 - Por meio do método comparativo em linguística histórica, identificar leituras cognatas, e identificar os termos iniciais (*onset*) e finais (*offset*);
 - Explorar como alguns componentes fonéticos e/ou fonológicos do período Middle Chinese (séc. V - XII) estão adaptados nos fonemas do japonês atual;
 - Estabelecer quadro de correspondência sonora fonéticas e/ou fonológicas transcritos através do *International Phonetic Alphabet* (IPA), entre a(s) leitura(s) *on'yomi* e o mandarim padrão.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Língua japonesa

A língua japonesa é falada por cerca de 128 milhões de pessoas ao redor do mundo, e considerada a nona maior língua falada no mundo, conforme informações do grupo Ethnologue¹. Aproximadamente 3.65 milhões de não nativos estudam o idioma japonês como língua estrangeira em 133 países, de acordo com dados de 2010 da Embaixada do Japão².

O desenvolvimento da língua japonesa atravessou diversos períodos históricos, e diversas mudanças fonéticas e fonológicas para se chegar à configuração atual. Dividida em períodos que são agrupados de acordo com o momento histórico do país.

Prehistoric	~ AD 600	Jōmon, Yayoi, and Kofun periods
Old Japanese	592–794	Asuka and Nara periods
Late Old Japanese	794–1192	Heian period
Middle Japanese	1192–1603	Kamakura, Muromachi, and Azuchi-Momoyama periods
Early Modern Japanese	1603–1868	Edo period
Modern Japanese	1868 ~	Meiji, Taishō, Shōwa, and Heisei periods ⁵

Figura 1: Desenvolvimento histórico da língua japonesa

Fonte: Hasegawa (2015)

Os diferentes períodos linguísticos sugerem que existem critérios que orientam as mudanças na forma de falar e escrever uma língua. De acordo com Hasegawa (2015, p. 5) os vários estágios de desenvolvimento da língua japonesa são comumente associados com períodos históricos. Todavia, além do contexto histórico associado a cada período, há estruturas fonéticas que naturalmente corresponderam a mudanças significativas na língua. No entanto, essa evolução

¹Ethnologue – Languages of the world: Site especializado em idiomas, famílias linguísticas e dados étnicos rastreáveis. Disponibilizado em www.ethnologue.com. Acesso em: 10 dez. 2023.

²Embaixada do Japão no Brasil (emb-japan.go.jp). Acesso em: 10 dez. 2023.

linguística não será abordada neste trabalho, por constituírem um campo de estudo aberto a diversas hipóteses.

Apesar da evolução do japonês e suas origens serem objeto de investigação de muitos acadêmicos, as dificuldades inerentes a essa tarefa têm levado a uma diminuição no interesse por esse tema (Hasegawa, 2015, p.7). Diante disso, o que se faz necessário no contexto desta pesquisa, é compreender a influência do contato linguístico chinês nos períodos mais antigos da língua japonesa.

Hasegawa (2015, p.7) exemplifica “[...] a partir do período Kofun - século III a VI - no final da pré-história japonesa, dois eventos culturais significativos ocorreram: a introdução do sistema de escrita chinês no final do século IV, e a introdução do Budismo no Japão em 538”. Como resultado, os primeiros contatos linguísticos com as línguas síníticas³ favoreceram o empréstimo de conceitos linguísticos, palavras e pronúncias, que contribuíram para a formação do japonês antigo. Ao longo dos períodos históricos subsequentes, a língua japonesa continuou a se desenvolver regionalmente.

2.1.1 Contato linguístico da língua chinesa no Japão

Corroborando Hasegawa, para Frellesvig (2010, p. 274) o período inicial do contato com textos chineses ocorreu no início do século V de forma indireta e principalmente mediado por imigrantes ou visitantes estudiosos. Mais tarde, monges e freiras da península coreana, especialmente do reino de Paekche, que ensinaram e expuseram textos chineses: primeiro clássicos chineses, e mais tarde, sutras juntamente com a introdução do budismo no Japão.

Henshall e Seeley (2003. p.27), também afirmam que o primeiro contato dos japoneses com a escrita ocorreu quando itens com inscrições vieram da China nos primeiros séculos d.C. A escrita introduzida nesse período não era diferente da escrita na China, sendo os caracteres os mesmos da língua chinesa, embora utilizada de forma distinta pelos japoneses gradualmente.

³As línguas síníticas ou sínicas (do vocábulo greco - latino medieval Sina, "China") são as integrantes de uma família linguística frequentemente postulada como uma das duas principais subdivisões do sino-tibetano.

Ainda Henshall e Seeley (2003, p.27) exemplificam uma maneira relativamente simples do uso da escrita é às vezes utilizar de caracteres apenas pelo seu valor sonoro para escrever diretamente em japonês. Então por exemplo, no japonês existe a palavra *yama* ‘montanha’ representado na antológica poesia oitocentista de nome *Man'yōshū*⁴ como 夜麻, usando 夜 não pelo seu significado ‘noite’ mas puramente pela sua leitura *on* ‘YA’, e 麻 não pelo seu significado de ‘linho, cânhamo’, mas igualmente pela sua leitura *on* ‘MA’. Muitos poemas do *Man'yōshū* foram escritos inteiramente assim.

Hasegawa (2015, p. 46) define isso como escrita fonográfica, pois ignora o significado da palavra chinesa que aquele ideograma representa. Usar caracteres chineses desta forma para escrever em japonês funcionou, e mais tarde esse tipo de escrita desenvolveu o próprio silabário japonês. Hasegawa (2015) alega que isso foi um passo importante também para impulsionar a literatura japonesa:

Outro evento notável em *Late Old Japanese* (LOJ - 794 a 1192) é a invenção dos silabários *kana*, que permitiram que os japoneses registrassem sua língua com sua própria escrita, em vez da necessária maneira incômoda de usar o sistema de escrita chinês. Esta invenção facilitou a criação de grandes obras literárias, por exemplo: *Kokin wakashū* (“Poemas japoneses coletados dos tempos antigos e modernos”) em 905 d.C; *Tosa nikki* (“Diário de Tosa”) por volta de 935 d.C; *Ise monogatari* (“Os contos de Ise”) no final do século X; *Makura no sōshi* (“O livro de cabeceira”) datado de 1000 d.C; *Genji monogatari* (“O conto de Genji”) por volta de 1000 d.C. (Hasegawa, 2015, p.10, tradução nossa).⁵

2.1.2 Leitura *On'yomi*

Os ideogramas são lidos de formas diferentes na língua japonesa e cada ideograma tem dois tipos de leitura – *on'yomi* e *kun'yomi*. Segundo Sakade (2003, p.6) “*On'yomi* (leitura *on*. Leitura sino-japonesa) é a leitura originalmente baseada na pronúncia chinesa do ideograma, e reflete o fato de que a escrita foi adotada da

⁴Man'yōshū: (万葉集 *man'yōshū*², "Coleção das Dez Mil Folhas") é a mais antiga coleção da poesia japonesa, compilada em torno de 759 d.C., durante o período Nara.

⁵Another noteworthy event in Late Old Japanese is the invention of kana syllabaries, which enabled Japanese people to record their language with their own script, rather than in the cumbersome manner necessary for using the Chinese writing system. This invention facilitated the creation of great literature, e.g. *Kokin wakashū* ('Collected Japanese Poems of Ancient and Modern Times') (905), *Tosa nikki* ('Tosa Diary') (circa 935), *Ise monogatari* ('The Tales of Ise' (the late tenth century), *Makura no sōshi* ('The Pillow Book') (c. 1000), *Genji monogatari* ('The Tale of Genji') (c. 1000).

China quando os japoneses não tinham um sistema de escrita”. Paralelamente com o *on’yomi* (On), tem o *kun’yomi* (leitura kun. Leitura nativa japonesa), bastante utilizada, mas que não será abordada no presente trabalho.

Em alguns casos, um ideograma chinês tem várias leituras *on*, refletindo diferentes formas de representar a pronúncia chinesa, épocas distintas de contato linguístico, ou regiões diferentes de origem na China. Sendo que duas vertentes principais de leituras se destacam: “*go-on*” e “*kan-on*”. Iremos nos aprofundar apenas nestes dois por serem os mais frequentes.

Geralmente a leitura *on’yomi* ocorre principalmente em palavras compostas de múltiplos *kanji* (熟語 *jukugo*) e são escritas em *katakana* nos dicionários. Apesar de haver leituras *on* de períodos linguísticos diferentes, atualmente elas coexistem e permanecem em utilização.

2.1.2.1 *Go-on*

Go-on (呉音) também conhecido como “pronúncia de Wu”, é referenciado como um dos primeiros empréstimos sino-japoneses, mais amplamente conhecido por ser oriundo do sudeste chinês, nos séculos V e VI d.C. Frellesvig (2010, p.275) confirma: “[...] *Go-on* é frequentemente interpretado como uma demonstração de que os primeiros sino-japoneses se baseavam nos chineses do sudeste da região ao redor da atual Xangai, que era a sede do antigo e bárbaro Reino de Wu”.

Embora sua região de origem ainda seja contestada, o autor faz duas considerações principais acerca do *go-on*: a primeira que o caminho até o Japão foi transmitido através da península coreana, com a mistura de diversos dialetos, e a segunda que representa uma forma distanciada da pronúncia que era falado na China de fato:

Muitas vezes pensa-se que o ensino e a aprendizagem chinesa no Japão neste período inicial se baseavam nas variedades do sul da China, mas isso não é realmente conhecido. Parece claro (a) que não reflete nenhuma variedade única de chinês, mas é um conglomerado cumulativo e multifacetado de variedades de chinês, muito provavelmente transmitido por estudiosos e monges da península coreana, principalmente do quinto ao início séculos VII; e (b) que não é uma norma única e uniforme, mas exibiu variações entre diferentes escolas e seitas dentro das quais as convenções para leitura e recitação de textos, especialmente sutras, tornaram-se fixas, com normas de pronúncia transmitidas oralmente, que gradualmente se tornaram cada vez mais distantes do idioma chinês falado na China. (Frellesvig, 2010, p. 275, tradução nossa)⁶.

Dessa forma, outras vertentes de leituras eventualmente surgiram, e a maior representação das leituras *go-on* se configurou em termos compostos mais antigos dos primeiros séculos d.C.

Shibatani (2008. p.121) afirma que as leituras *go-on* são mais associadas a termos budistas e jurídicos, especialmente dos períodos Nara e Heian. Essa leitura está muito presente nos ideogramas da literatura ancestral japonesa, como na história de *Kojiki*⁷.

2.1.2.2 *Kan-on*

Kan-on (漢音) é a forma mais comum de ler *on'yomi*. Segundo Miyake (2003. p.105) *kan-on* significa “pronúncia de Han” ou “sons chineses”. Um empréstimo linguístico que veio principalmente da região de Chang’an na China, num período histórico onde a região se tornou a capital da China unificada em 581 sob a dinastia Tang. Estes empréstimos perduraram até por volta do século IX, período na história japonesa que corresponde ao período Nara.

⁶It is often thought that the Chinese taught and learned in Japan in this early period was based on southern Chinese varieties, but this is not really known. It seems clear (a) that it does not reflect any single variety of Chinese, but is a cumulative and multi-layered conglomerate of varieties of Chinese, most likely transmitted by scholars and monks from the Korean peninsula in the main in the fifth through early seventh centuries; and (b) that it is not a single uniform norm, but exhibited variation between different schools and sects within which conventions for reading and reciting texts, especially sutras, became fixed, with orally transmitted pronunciation norms, which gradually became increasingly removed from Chinese spoken in China.

⁷*Kojiki*: (古事記 "Um Relato de Assuntos Antigos") é uma crônica japonesa das mais antigas sobre mitos, lendas, hinos, genealogias, tradições orais e relatos semi-históricos de 641 sobre a origem do arquipélago japonês, os *kami* (神) e a linhagem imperial japonesa.

Com o tempo migrações de outras regiões chegaram à nova capital durante a Dinastia Sui, misturando dialetos. Assim as missões japonesas que começaram a chegar em Chang'an no início do século VII encontraram não apenas dialeto local, mas dialetos de outras regiões.

As missões japonesas para a região foram intercâmbios de conhecimento que permitiram a ocorrência de migração linguística:

Durante os séculos VII e VIII, houve um extenso contato do Japão com a dinastia Tang, no qual muitos foram os enviados para estudar na China. No curso destes estudos, foram adquiridas pronúncias contemporâneas do chinês falado na capital Chang'an, que chegaram até o Japão com o retorno dos estudiosos, introduzindo uma nova forma de pronunciar e ler textos. (Frellesvig, 2010, p. 275, tradução nossa)⁸.

Os japoneses inicialmente não tinham motivação para adotar o dialeto local como uma nova base para suas pronúncias sinográficas. Contudo, eventualmente a “pronúncia de Wu” (*go-on*) caiu no esquecimento e não era mais utilizada pelas classes nobres, tornou-se algo pejorativo (Pulleyblank. 1994. p.154). Frellesvig afirma que isso levou a um conflito sobre qual “versão” seria oficialmente considerada:

Isso gerou tensão entre as antigas e as novas formas de pronunciar o chinês. Entre 792 e 806 (durante o reinado do imperador Kanmu (737-806, r. 781-806), vários decretos imperiais foram emitidos para que a pronúncia chinesa adequada, a pronúncia Han (*kan-on*), fosse usada, no estudo e na leitura dos clássicos chineses, que até então haviam se tornado muito importantes para os concursos do serviço público, e nos exames oficiais e recitações públicas de sutras budistas. (Frellesvig, 2010 p. 275, tradução nossa)⁹.

Ainda de acordo com Miyake (2003. p.105), Han passou a se referir a China como um todo, e o *kan-on* se configurou nas últimas pronúncias sinográficas de

⁸Through the seventh and eighth centuries there was extensive direct contact with Tang China, with envoys and students dispatched to visit and study in China. In the course of their studies they acquired contemporary Chinese as spoken in the Tang capital Chang'an and brought this back with them to Japan, introducing new, competing pronunciation norms and readings of texts.

⁹This led to tension between the old and the new ways of pronouncing Chinese. Between 792 and 806 (during the reign of emperor Kanmu (737-806, r. 781-806), several imperial decrees were issued that the proper Chinese pronunciation (漢音 Japanese *kan-on* 'Han(= Chinese) pronunciation) be used, both in the study and reading of Chinese classics, which by then had become all important for civil service exams, and in official and public recitations of Buddhist sutras.

origem direta da China. Já que o *go-on* havia passado pela península coreana *kan-on* era uma leitura mais próxima.

Frellesvig (2010. p. 276) esclarece que o uso de *kan-on* se deu em estudos, leituras e comunicações práticas, mesmo após o cessar das missões ao continente no fim do século IX. Como resultado, o *kan-on* tornou-se uma norma fossilizada, e com o tempo, tão distante do chinês falado na China quanto o antigo *go-on*.

2.2 Língua Chinesa

De acordo com Duanmu (2007. p.1) quando nos referimos à expressão “língua chinesa”, entende-se que seja a língua nativa do povo Han, o *Hanyu* (Língua de Han), essa etnia corresponde ao maior grupo étnico na China. Mas se o sentido da palavra “chinesa” corresponder a qualquer dialeto vindo da China, é cerca de um quinto da população mundial, o que a torna a maior língua do mundo em número de falantes.¹⁰

Existem muitas famílias dialetais em sua estrutura, este conceito entre dialetos é complexo conforme orienta o autor:

Um aspecto marcante do chinês é a falta de inteligibilidade entre famílias de dialetos, ou seja, falantes de diferentes famílias de dialetos muitas vezes não conseguem se entender. Por causa disso, costuma-se dizer que os dialetos chineses são, na verdade, línguas distintas. No entanto, todos os dialetos chineses partilham a mesma língua escrita e essencialmente a mesma gramática. Além disso, os sons de um dialeto podem ser relacionados aos de outro através de regras sistemáticas. (Duanmu, 2007 p.1, tradução nossa)¹¹.

Cada dialeto possui uma história remota que explica as variações dentro do idioma, entretanto a sistematicidade da língua permite que alguns deles possam se comunicar entre si, mesmo com dificuldades:

¹⁰Informação retirada em www.ethnologue.com. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹¹A striking aspect of Chinese is the lack of intelligibility across dialect families , that is, speakers from different dialect families often cannot understand each other. Because of this, it is often said that Chinese dialects are in fact separate languages. However, all Chinese dialects share the same written language and essentially the same grammar. In addition, the sounds of one dialect can be related to those of another through systematic rules.

Essas regras sistemáticas permitem que os falantes de um dialeto compreendam outros dialetos com bastante rapidez. Isso acontece, por exemplo, com muitos calouros universitários todos os anos. Não importa onde o aluno estude, ele geralmente consegue entender o sotaque local em apenas alguns meses. (Duanmu. 2007. p. 2, tradução nossa)¹².

Mesmo com tantos dialetos, a comunicação é facilitada devido a reformas linguísticas recentes. Duanmu (2007) aponta que a busca pela padronização da língua chinesa obteve apoio nos primeiros estados republicanos. Um breve histórico dos acontecimentos do século XX revela o progresso que a reforma linguística obteve, e os objetivos de sua promoção:

Por volta da virada do século XX, em conjunto com o movimento para abolir o establishment imperial, alguns intelectuais iniciaram uma campanha pela reforma linguística. A campanha acelerou com o apoio do governo após a fundação da República da China em 1912. A República Popular da China (fundada em 1949) continuou a apoiar a reforma. Ao longo de meio século, três objetivos foram alcançados: uma língua falada padrão, um sistema de escrita alfabética e uma escrita vernácula. (Duanmu. 2007. p.4, tradução nossa)¹³.

2.2.1 Mandarim moderno (*Putonghua*)

A proposta de uma língua chinesa padrão e com escrita simplificada teve força na República da China, inicialmente conhecida como *Guoyu* (*National Language*), foi baseada na pronúncia de Pequim. Com o adveio da República Popular da China em 1949, o nome se alterou no continente para *Putonghua* (discurso comum) e os caracteres simplificados foram adotados oficialmente em 1956, como parte de uma campanha para aumentar a alfabetização (Duanmu, 2007, p. 4).

Esta linguagem tem sido utilizada em escolas, universidades e meios de comunicação. Ainda que seja uma padronização, regionalismos continuam sendo

¹²Such systematic rules enable speakers of one dialect to understand other dialects rather quickly. This happens, for example, to many college freshmen every year. No matter where a student goes to school, she or he can usually understand the local accent in just a few months.

¹³Around the turn of the twentieth century, in conjunction with the movement to abolish the imperial establishment, some intellectuals began a campaign for language reform. The campaign accelerated with government support after the Republic of China was founded in 1912. The People's Republic of China (founded in 1949) continued to support the reform. Over a period of half a century, three goals have been achieved: a standard spoken language, an alphabetic writing system, and vernacular writing

muito fortes e influentes na forma de falar a língua. Duanmu (2007, p.5) argumenta que nativos percebem que as pessoas que apenas escutam o chinês padrão pela rádio ou TV, tem dificuldades para entender os falantes de *Putonghua* quando visitam a cidade pela primeira vez.

2.2.2 Pinyin

Hanyu pinyin fang'an (Sistema gráfico chinês) ou apenas *pinyin*, é o sistema de escrita chinês no alfabeto romano, com a intenção de modernizar e simplificar o aprendizado do idioma, nesse sistema, os diacríticos separam os diferentes tons da pronúncia. Após várias tentativas de romanizar a escrita, a República Popular da China adotou o *pinyin* em 1958, porém como a língua padrão tem grande número de homófonos, e por conta da dificuldade em distinguir as palavra em chinês, o sistema de ortografia não é um sistema independente dos ideogramas. (Duanmu, 2007, p.6).

Para facilitar o entendimento da correspondência sonora neste trabalho, o uso do sistema *pinyin* é essencial, pois a pesquisa faz uso de forma transliterada oficial da pronúncia, adotada pelo governo chinês. E torna possível a leitura dos pares linguísticos no alfabeto romano.

Os exemplos chineses tragos nessa pesquisa são transcritos com o *pinyin* e símbolos fonéticos, por isso veremos como eles funcionam brevemente. Duanmu (2007, p.11) orienta que os quatro tons do mandarim (Md) padrão são indicados com os dígitos 1 ao 4. Exemplificamos com alguns *hanzi*¹⁴ simplificados do mandarim, retirados de Duanmu (2007, p.225):

妈 ma1 “mãe” o primeiro tom é acentuado com mácron (*mā*)

麻 ma2 “cânhamo” o segundo tom é acentuado com agudo (*má*)

马 ma3 “cavalo” o terceiro tom é acentuado com caron (*mǎ*)

骂 ma4 “repreender” o quarto tom é acentuado com grave (*mà*)

¹⁴Hanzi: Caracteres chineses em mandarim, *kanji* em japonês.

Os acentos que representam cada tom, são como desenhos que orientam a forma de pronunciar, a título de exemplo temos o acento agudo (/) que ressoa como um tom de ascensão, e o acento grave (\) que ressoa como um tom de caída.

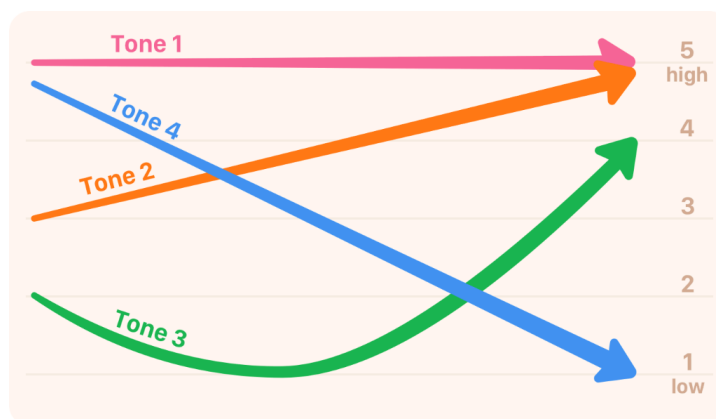


Figura 2: Os quatro tons do mandarim
Fonte: Hanbook, 2022.¹⁵

Observando os números de partida e chegada na Figura 2 acima, a transcrição *International Phonetic Alphabet* (IPA) enumera as transcrições do mandarim seguindo o percurso de cada tom. O número 5 representa um som mais agudo, e o número 1 um som mais grave.

妈 “mā /mā⁵⁵/” a pronúncia inicia no número 5 e finaliza no número 5

麻 “má /má³⁵/” a pronúncia inicia no número 3 e ascende até o número 5

马 “mǎ /mǎ²¹⁴/” a pronúncia inicia no número 2, desce até o número 1, e ascende ao número 4.

骂 “mà /mà⁵¹/” a pronúncia inicia no número 5, e desce até o número 1.

¹⁵Hanbook: Dicionário de chinês online. Disponível em www.hanbook.com/chinese-dictionary/pinyin. Acesso em: 17 set. 2024.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Empréstimos Linguísticos

Na história da língua japonesa, investigações têm sido realizadas acerca de sua origem, abrangendo tanto as leituras nativas quanto os empréstimos linguísticos, e também suas transformações internas. Para este estudo, buscamos embasar as informações em publicações especializadas na área da linguística, que fornecem subsídios para compreender a complexa relação inerente à reconstrução da língua japonesa. Nesse contexto, percebemos a dificuldade de afirmar um parentesco com precisão entre os idiomas envolvidos, mas podemos identificar analogias seguras de contato linguístico ao longo de períodos históricos. Frellesvig (2010), em suas considerações, entende os empréstimos linguísticos como reflexos:

Deve ser enfatizado que nenhuma das camadas de *Japanese-Chinese* (J-Ch) ou das leituras de caracteres *Sino-Japanese* (SJ) deriva diretamente da EMC, mas com esta advertência em mente, diremos que as leituras SJ 'refletem' a EMC. Embora a adaptação fonológica dos empréstimos do SJ nos períodos *Early Middle Japanese* (EMJ) e *Late Middle Japanese* (LMJ) não sejam tão regulares quanto as correspondências sugerem, elas também se aplicam, em grande medida, aos empréstimos do SJ. Isso é estritamente anacrônico, já que muitas leituras datam de *New Japanese* (NJ), mas dará uma impressão das mudanças sonoras sofridas pelos empréstimos de SJ. (Frellesvig. 2010. p. 282, tradução nossa).¹⁶

Dessa maneira, intuímos que a equivalência de leituras presentes na leitura *on* não ocorreram de forma linear, e refletem apenas relações de valor sonoro que são similares entre si. Nesse sentido, Frellesvig (2010, p. 278) argumenta que “*kan-on* é posterior à *Early Middle Chinese* (EMC - 400 a 618 d.C) e *go-on* é anterior à EMC, e podem ser baseados em uma variedade um tanto diferente do chinês”. Assim, entende-se que não se trata de haver uma mesma origem em comum no mandarim e *on’yomi*, como uma protolíngua verídica, mas apenas uma reconstrução que pode justificar uma relação atual. Para evitar afirmações equivocadas sobre

¹⁶It must be emphasized that none of the layers of J-Ch or of the SJ character readings directly derives from EMC, but with this caveat in mind, we will say that SJ readings 'reflect' EMC. Although the phonological adaptation of SJ loanwords in the EMJ and LMJ periods was not as regular as these correspondences suggest, they do to a large extent also hold for SJ loanwords. This is strictly speaking anachronistic, as many readings date from NJ, but this will give an impression of the sound changes undergone by SJ loanwords.

estas origens de pronúncia, utilizamos dicionários sino-japoneses como referências fonéticas (ver tópico 4.3).

3.2 Mudanças fonéticas

Veremos brevemente como as leituras *on* correspondem à pronúncia do *Middle Chinese* (MC - 400 a 1150 d.C), após ser adaptado pelos possíveis sons e estruturas do japonês falado na época. Isto se deu através de um grande fluxo de palavras. As mudanças sonoras que ocorreram na língua japonesa afetaram tanto o vocabulário emprestado quanto o nativo. Razão que contribui para a existência das eras linguísticas do Japão (*Old Japanese* - 592 a 794 d.C, *Late Old Japanese* - 794 a 1192 d.C, *Middle Japanese* - 1192 a 1603, *Modern Japanese* - 1868 ~).

Devido a isso, observa-se que o *on'yomi* frequentemente têm poucos termos idênticos com sua fonte original do *Middle Chinese*, e são ainda menos semelhantes à pronúncia dos mesmos ideogramas nas línguas chinesas modernas, que passaram por muitas mudanças desde o *Middle Chinese*.

Para exemplificarmos as semelhanças e diferenças, comparamos nas figuras a seguir algumas das correspondências entre *go-on*, *kan-on* e *Early Middle Chinese* (EMC), por meio de sons iniciais e finais. Importante informar que os sons mostrados nas leituras *on* indicam a romanização Hepburn para japonês, o uso de romanização não-IPA como *hanyu pinyin* para mandarim, e os símbolos mostrados entre barras ou colchetes, como /g/ ou [dʒ], são transcrições *International Phonetic Alphabet* (IPA; ver Anexo A).

3.2.1 Sons iniciais (*onset*)

No quadro abaixo, Frellesvig (2010) mostra como sons iniciais entre formas antigas da língua chinesa são correspondentes com os empréstimos *on'yomi*.

EMC	<i>Go-on</i>	<i>Kan-on</i>
*m	m	b
*m(Vŋ)	m	m
*n	n	d
*n(Vŋ)	n	n
*b	b	p
*p	p	p
*d	d	t
*t	t	t
*g	g	k
*k	k	k
*z	z	s
*s	s	s

Figura 3: Comparação de consoantes iniciais entre EMC e *on'yomi*
Fonte: Frellesvig, p.282

Sons iniciais (*onset*) são a primeira parte que compõe uma palavra, no caso a primeira letra. Observamos neste quadro que diferenças regulares ocorreram entre EMC e *on'yomi* como /b-/ > /p-/, /d-/ > /t-/, /g-/ > /k-/, /z-/ > /s-/. As diferenças do EMC com as duas categorias *on'yomi* se devem em grande parte às mudanças que ocorreram entre o início e o fim do período *Middle Chinese* (Baxter; Sagart. 2014)

3.2.2 Sons finais (*offset*)

Do mesmo modo, Frellesvig (2010) exemplifica como sons finais entre formas antigas da língua chinesa são correspondentes com os empréstimos *on'yomi*.

EMC	<i>Go-on</i>	<i>Kan-on</i>
*-p	pu	pu
*-t	ti	tu (t)
*-k	ku / {e, a, o, u} __ ki / {i} __	ku / {i, a, o, u} __ ki / {e} __
*-m	N	N
*-n	N	N
*-ŋ	ũ / {i, a, o, u} __ ĩ / e __	ũ / {i, a, o, u} __ ĩ / e __

Figura 4: Comparação de consoantes finais entre EMC e *on'yomi*
Fonte: Frellesvig, p.283

Sons finais (*offset*) são o último termo que compõe a palavra. Em outras palavras, a última letra de um vocabulário. Nota-se que o período EMC tem seis consoantes silábicas finais (*/p, t, k, m, n, ŋ/*) com fortes correspondências diretas no *go-on* e *kan-on*, permanecendo da mesma forma, com exceção das terminações *-t, *-k.

3.3 Linguística Histórica

Dentro da área da linguística, o campo da linguística histórica é como uma subdisciplina, que se dedica ao estudo da evolução e mudança das línguas ao longo do tempo. Para Faraco (1950. p.14) “essa é uma realidade empírica central da linguística histórica, as línguas humanas não constituem realidades estáticas, e essa dinâmica de alteração constitui o objeto de estudo da linguística histórica”.

A compreensão da maneira pela qual um idioma pode se ramificar fornece uma compreensão muito melhor da linguagem. As descobertas provenientes dessa área de estudo, podem ser utilizadas para esclarecer indagações históricas, relacionar parentescos entre os idiomas, reconstruir formas linguísticas antigas, entre outros. Campbell (1998) ressalta que ideias históricas sobre o desenvolvimento da língua enriquecem os estudos humanísticos.

“[...] A linguística histórica contribui significativamente para outras subáreas da linguística e para a teoria linguística. Por exemplo, a cognição humana e a capacidade humana de aprendizado de idiomas são interesses centrais de pesquisa na linguística, e a linguística histórica contribui significativamente para esse objetivo. À medida que determinamos com mais precisão o que pode mudar e o que não pode mudar em um idioma e quais são as maneiras permitidas versus impossíveis em que os idiomas podem mudar, contribuimos significativamente para a compreensão da gramática universal, tipologia da linguagem e cognição humana em geral - fundamental para compreender nossa própria humanidade.” (Campbell, 1998, p.2, tradução nossa)¹⁷.

A contribuição da linguística histórica para o fortalecimento de narrativas acadêmicas, teorias linguísticas e a compreensão do desenvolvimento linguístico é de grande relevância. Os métodos empregados por essa subdisciplina incluem a análise de textos antigos, a comparação vocabular, o estudo fonológico e gramatical, entre outros. Por meio de análises das transformações linguísticas ao longo do tempo, os linguistas históricos são capazes de reconstruir formas linguísticas ancestrais e mapear as trajetórias de dispersão e evolução das línguas. Esses estudos não se restringem ao estudo de línguas antigas, mas também abrangem as mudanças linguísticas ocorridas em línguas modernas.

O tipo de estudo que revela comparações entre línguas, ou períodos linguísticos diferentes de uma mesma língua, é conhecido como linguística comparativa, bastante necessária para comprovar hipóteses

A maioria dos linguistas encontram fortes evidências de correspondências sólidas, mas muitos não insistem neles exclusivamente nem confiam totalmente neles. A maioria fica mais feliz quando evidências adicionais da morfologia comparativa e da gramática também apoiam a hipótese. (Lyle Campbell, 1998, p.317, tradução nossa)¹⁸

¹⁷Historical linguistics contributes significantly to other sub-areas of linguistics and to linguistic theory. For example, human cognition and the human capacity for language learning are central research interests in linguistics, and historical linguistics contributes significantly to this goal. As we determine more accurately what can change and what cannot change in a language, and what the permitted versus impossible ways are in which languages can change, we contribute significantly to the understanding of universal grammar, language typology and human cognition in general - fundamental to understanding our very humanity.

¹⁸Most linguists find sound correspondences strong evidence, but many neither insist on them solely nor trust them fully. Most are happier when additional evidence from comparative morphology and grammar also supports the hypothesis.

Na gênese da linguística histórica, os estudos comparativos que abordam o diacronismo são essenciais, isto é “estudar a sucessão no tempo, de diferentes estados da língua e evolução” (Araujo, 2010, p.3). Nesse cenário, adota-se uma postura retrospectiva para entender as relações que se estabeleceram com o tempo.

3.3.1 Método comparativo

Uma relação de familiaridade entre línguas pode ser atestada quando existem indícios de uma linguagem original. Para isso, o método comparativo em linguística histórica é uma abordagem utilizada para reconstruir as formas linguísticas ancestrais de uma família de línguas. Esse método é fundamental para a investigação das relações genéticas entre diferentes línguas e para a reconstrução de suas formas primitivas, chamadas de protolíngua. (Campbell, 1998, p. 109) diz “[...] ao comparar a reconstrução realizada com as linguagens descendentes, é possível deduzir a protolíngua, e quais mudanças ocorreram nas formas que se desenvolveram”.

No livro de base do método comparativo a ser utilizado *Historical Linguistics* de Crowley e Bower (2010), as línguas apuradas foram de tipologia polinésias (Tonganês, Samoano, Rarotonganês, e Havaiano). Na tentativa de deduzir que uma vez pertenceram a uma forma reconstruída conhecida como Proto-Polinésio. A demonstração se mostrou viável, porém esta metodologia apenas dá uma aproximação abstrata do que seria uma protolíngua, não algo factível totalmente. Nesta pesquisa, utilizamos disto para deduzir uma equivalência fonética, e a metodologia utilizada tem objetivo de explorar a evolução fonética/fonológica ocorrida em cada idioma (ver tópico 4).

No método comparativo, a ideia central é analisar as semelhanças e diferenças entre as línguas relacionadas, com o objetivo de identificar padrões sistemáticos. Os linguistas históricos que empregam esse método comparam vocabulário, gramática e outras características linguísticas entre as línguas estudadas.

Segundo Crowley e Bower (2010. p.57) é comum uma língua adotar palavras de outra língua para torná-la parte do seu próprio vocabulário, um processo

denominado “empréstimo linguístico”. Um dos aspectos envolvidos nesse processo, é a mudança que a palavra estrangeira sofre ao ser incorporada a um novo idioma. Na língua japonesa, esse empréstimo linguístico ocorreu por meio da escrita de ideogramas chineses, com a pronúncia de tais ideogramas normalmente sendo incorporada em termos não muito difundidos no arquipélago. Crowley (2010. p.109) sugere que se uma reconstrução desse empréstimo é possível de se realizar, a ponto de encontrar uma forma comum com outro idioma, é possível pressupor que exista uma relação linguística.

Sabe-se que no caso do mandarim e do japonês, ambos não compartilham uma protolíngua em comum, sendo o mandarim proveniente das línguas siníticas, enquanto hipóteses sugerem uma relação do japonês com línguas altaicas, austronésias, e dravidianas (Hasegawa, 2015, p.7). Contudo, o contato linguístico que houve no passado, possibilita a aplicação do método comparativo. Por meio de uma “proto-pronúncia” torna-se possível atingir o objetivo de relacionar os dois idiomas. Para Campbell (1998), esta relação pode ser descrita como “Correspondentes sonoros”:

Correspondentes sonoros (também chamados conjuntos correspondentes): Em efeito, um conjunto de sons ‘cognatos’; os sons encontrados nas palavras relacionadas de um conjunto de cognatos correspondem de um idioma relacionado ao outro porque eles descendem de um som ancestral comum (assume-se que uma correspondência sonora ocorre em vários conjuntos de cognatos) (Campbell, pag, 112, tradução nossa)¹⁹

Para estabelecer essa relação, o método comparativo adota uma abordagem gradativa, geralmente estruturada em etapas como: coleta de dados, identificação de correspondências regulares, reconstrução da protolíngua, e teste de reconstrução.

¹⁹Sound correspondence (also called correspondence set): in effect, a set of 'cognate' sounds; the sounds found in the related words of cognate sets which correspond from one related language to the next because they descend from a common ancestral sound. (A sound correspondence is assumed to recur in various cognate sets.)

4. METODOLOGIA

Com base no método comparativo e na reconstrução linguística propostos por Crowley e Bower (2010), implementamos combinações em três etapas: juntar cognatos, indicar fonemas correspondentes, e associação fonética. Adotamos essa abordagem devido ao fato de que o método desenvolvido pelos autores visa estabelecer relações entre múltiplas línguas polinésias e envolve etapas adicionais que servem para reconstruir a protolíngua polinésia, todavia para os objetivos do nosso estudo tais etapas não se mostram necessárias.

4.1 Passo 1: Juntar cognatos

O primeiro passo para aplicar o método comparativo é juntar os cognatos, para isso deve-se separar léxicos dos idiomas relacionados que haja alguma correspondência sonora suspeita. “Para encontrar cognatos, é preciso buscar palavras que pareçam ter uma origem em comum, com características fonéticas semelhantes e significado idêntico ou análogo. Se estas palavras são semelhantes o suficiente para se supor que estas provêm de uma mesma origem, podemos considerá-las cognatas” (Crowley; Bower. 2010, p. 81).

Podemos exemplificar esta metodologia com amostras ligadas ao nosso cenário de pesquisa. Conforme a ser especificado posteriormente (tópico 5), o corpus fundamenta-se em ideogramas em comum japonês e no mandarim, com seleção de alguns cognatos dos *kanji* pertencentes ao nível 5 (N5). Crowley e Bower (2010, p.82) pontuam que é bastante conveniente os cognatos compartilham um mesmo significado, o que constitui um fator facilitador ao relacionarmos os *kanji*. Isso se deve ao fato de o vocabulário sino-japonês apresentar uma estabilidade semântica considerável nesse aspecto.

Outra característica é a repetição, Campbell (1998, p.114) afirma que a repetição é importante para eliminar falsos cognatos. “Para determinar se uma correspondência sonora como essa é real (refletindo sons herdados em palavras da protolíngua) em vez de talvez apenas uma semelhança acidental, precisamos determinar se a correspondência se repete em outros conjuntos cognatos.”.

No quadro a seguir, ao menos duas repetições de similares foram consideradas:

Quadro 1 - Exemplos de cognatos entre mandarim e *on'yomi*

	<i>Kanji</i>	Mandarim	<i>On'yomi</i>	Significado
.1	前	qián	zen (ゼン)	antes
	千	qiān	sen (セン)	mil
.2	二	èr	ni (に) ji(ジ)	dois
	耳	èr	ji (ジ)	orelha
.3	五	wǔ	go (ゴ)	cinco
	午	wǔ	go (ゴ)	meio-dia
.4	今	jīn	kin (キン)	agora
	金	jīn	kin (キン)	ouro
.5	白	bái	haku (ハク), byaku (ビャク)	branco
	百	bǎi	hyaku(ヒャク)	cem
.6	南	nán	nan (ナン)	sul
	男	nán	nan (ナン)	masculino
.7	友	yǒu	yuu (ユウ)	amigo

	右	yòu	yuu (ユウ), u (ウ)	certo
.8	古	gǔ	ko (コ)	velho
	国	guó	oku (コク)	país
.9	木	mù	moku(モク), boku(ボク)	árvore
	目	mù	moku(モク), boku(ボク)	olho

Fonte: jlptstudy.net/N5/?kanji-list

4.2 Passo 2: Indicar fonemas correspondentes

Crowley e Bowern (2010, p.82) orientam que é necessário criar um conjunto de correspondências sonoras, que são apontadas pela posição das letras em cada cognato: primeiro e o último som correspondem à forma como são indicados no quadro de correspondências sonoras abaixo. Utilizando os exemplos vistos na etapa anterior, a categorização dos sons correspondentes indica quais fonemas aparentemente fazem correspondência, e ajuda na formação de pares. Quanto mais próximos forem um do outro na pronúncia, mais indícios de uma proximidade na relação.

Quadro 2 - Pares de correspondência sonora

Correspondências Sonoras		
Categoria	Mandarim	Japonês
<i>onset</i>	q-	z- , s-
<i>onset</i>	er-	n- , j-

<i>onset</i>	wu-	g-
<i>onset</i>	j-	k-
<i>onset</i>	b-	h - . b-
<i>onset</i>	n-	n-
<i>onset</i>	y-	y-
<i>onset</i>	g-	k-
<i>onset</i>	m-	m-
<i>offset</i>	-∅	-chi , -tsu
<i>offset</i>	-∅	-ku, -ko, -ki
<i>offset</i>	-n, -m	-n

Fonte: Elaboração própria, 2024.

4.3 Passo 3: Associação sonora

Neste passo, verificamos a equivalência fonética nos conjuntos de correspondência identificados na etapa anterior e examinamos sua relação com o *Middle Chinese* nos mesmos *kanji* cognatos, se essa relação for confirmada, presume-se que refletem um fonema original.

Alguns adendos podem ser considerados: Conforme diz Campbell (1998, p. 122) "Algumas mudanças sonoras, especialmente mudanças sonoras condicionadas, podem resultar em um protofonema sendo associado a mais de um conjunto de correspondência". Em outras palavras, isso implica que as correspondências sonoras podem estar vinculadas a mais de um protofonema, da mesma forma que um protofonema pode ter se desdobrado em diferentes pronúncias.

Nessa etapa que a reconstrução fonêmica é realizada para esclarecer as mudanças que ocorreram ao longo do tempo. A justificativa para eventuais diferenças nos fonemas associados, reside nas distintas trajetórias de evolução das línguas japonesa e mandarim ao longo do tempo, influenciadas por ambientes

divergentes e por fatores como alterações fonéticas, evolução gramatical e influências externas.

Não é a mera semelhança fonética mostrada através da transcrição IPA que é crucial para o método comparativo, mas sim as correspondências regulares de som: as repetições sistemáticas destes padrões ao comparar duas línguas. Estes procedimentos visam, a partir de uma perspectiva diacrônica da evolução da língua, testar a compatibilidade atual entre os idiomas.

Para o objetivo da pesquisa de estabelecer a equivalência entre os pares linguísticos, a figura abaixo pode ilustrar essa dinâmica.

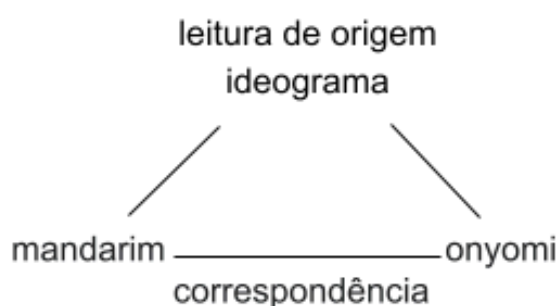


Figura 5: Relação triangular da associação sonora
Fonte: Elaboração própria, 2024.

Primeiro ocorre o resgate da forma antiga de pronunciar da língua chinesa, com descrição em relação à assimilação ou às perdas fonéticas. Em seguida, realiza-se uma correspondência equivalente, fundamentada na assimilação entre os fonemas das pronúncias atuais do *on'yomi* e do mandarim. Devido às equivalências se repetirem em outros ideogramas, designa-se então a proposta de equivalência que reflete a correspondência de uma tendência fonética/fonológica. Todo o procedimento é feito na prática no capítulo de Análise (tópico 6).

A transcrição antiga chinesa no modelo IPA e sua relação com o mandarim moderno é retirada do dicionário Baxter e Sagard (2014), que reconstruiu a trajetória da língua chinesa. Na parte japonesa, a relação do japonês *on'yomi* com a transcrição fonética arcaica chinesa é encontrada em dicionário de Bernhard Karlgren (1974), a partir do qual se pode resgatar o protofonema das leituras *go-on* e *kan-on*.

5. CORPUS

5.1 *Jōyō kanji*

Esta monografia tem como corpus o *Jōyō kanji* (JK), literalmente “*kanji* de uso cotidiano”, um escopo que contém cerca de 2136 ideogramas. A lista oficial mais recente foi adotada no Japão em 2010, e é utilizada em contextos oficiais de comunicação e ensino. Sakade (2003, p.5) afirma que o *Jōyō kanji* não representa uma lista exaustiva de caracteres chineses na qual estudantes vão encontrar em textos japoneses modernos, no entanto, fornece uma base sólida para a leitura e escrita do japonês moderno.

De acordo com o guia, nas escolas japonesas, 1006 dos *kanji* mais comuns do JK são passados nos seis anos de escola primária, considerados os “caracteres essenciais”, outros 939 caracteres distribuídos pelo currículo do ensino ginásial e médio, totalizando 1945 caracteres de uso diário geral.

A escolha do JK como corpus se fundamenta pelo fato da pesquisa ter como referência uma perspectiva japonesa, a fim de exemplificar como aconteceu o processo de adaptação japonesa dos empréstimos linguísticos oriundos da China. E pelo JK ser o que temos de oficial sendo utilizado no Japão, isto é importante, a fim de economizar esforços, as associações são criadas com ideogramas que sobreviveram ao tempo nos dois países.

5.2 Critérios para escolha dos ideogramas

Em razão da quantidade de *kanji*, necessitaríamos de tempo adequado para averiguar um material de tamanha magnitude, naturalmente que recortes são necessários, com critérios que fomentem a relação sino-japonesa.

Primeiramente, se a intenção da monografia é deduzir uma correspondência atual entre dois idiomas, o material de análise deve ser o mais “oficial” contemporâneo em uso possível. Por essa razão, a leitura *on’yomi* analisada nos ideogramas selecionados, foram os constantes na lista do *Jōyō kanji*.

Por conta de o JK estar inserido numa conjuntura atualizada, naturalmente *kanji* sem utilização ou históricos não fazem parte do mesmo. Também não

utilizamos *kanji* inventados no Japão, ou que continham somente a leitura *kun'yomi* (leitura japonesa). Assim como devem ser relacionados ideogramas presentes somente no mandarim.

Na tentativa de elaborar analogias com a língua chinesa, dicionários foram consultados a fim de trazer um viés de confirmação para as análises do estudo, por possuírem leituras e informações pertinentes.

Consideramos que os ideogramas adequados foram aqueles que fizeram parte dos empréstimos *go-on* e *kan-on*, e que permanecem com leitura factível na lista do JK. Esses critérios reduziram significativamente a quantidade de ideogramas necessários para a pesquisa.

5.3 *Kanji* selecionados

Em concordância com os critérios, e por opção de pesquisa, foram selecionados os *kanji* do N5, pertencentes ao *Japanese Language Proficiency Test* (JLPT), criado pela Fundação Japão com o intuito de avaliar e certificar a proficiência no idioma japonês aos não nativos.

O nível N5 desta avaliação configura a etapa mais básica de aprendizado, equivalente aos níveis A1 e A2 do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas, mais conhecido como CEFR. Assim os *kanji* pertencentes a este nível cumprem requisitos desejados de simplicidade e frequência de uso.



Figura 6: Lista aproximada de *kanji* atribuídos ao N5

Fonte: jlptstudy.net, 2010²⁰

Não existe uma lista oficial dos *kanji* utilizados na prova disponibilizada pela Fundação Japão. Em vista disso, esta lista é um guia aproximado, que tem o N5

²⁰ jlptstudy.net. Página de estudo do exame JLPT. Acesso em: 22 out. 2023.

como parâmetro. Esta seleção foi apurada na aplicação da metodologia, como o corpus a ser utilizado para a realização de análises fonéticas. Porém em alguns casos coube demonstrar análise com ocorrência em *kanji* fora desta lista.

6. ANÁLISE

Sob a perspectiva da língua japonesa, identificamos certas correspondências fonéticas e fonológicas entre o mandarim e os *kanji* investigados neste estudo. A partir dessa observação, analisamos a adaptação japonesa manifestada na leitura *on*, englobando tanto as mudanças divergentes quanto as similares. Vale destacar que as análises são conduzidas utilizando a metodologia comparativa, relacionando a leitura original com as adaptações subsequentes (tópico 4.3). Para eventuais dúvidas em termos fonéticos, recomendamos ver o Anexo A.

6.1 Inicial y-

	MC		On
<i>onset</i>	y- /hj/	:	y- /j/

O fonema “/hj/” da transcrição MC, foi adaptado como consoante “y” nas duas línguas. Nos exemplos encontrados, observamos a tendência do som da consoante inicial “y” seguir acompanhada de vogal no mandarim e em *on’yomi*. O som da consoante palatal “y” como letra inicial no *hanyu pinyin*, e no japonês tem o mesmo som da vogal “i” no sistema *Wade–Giles*, se pronunciando /j/. Assim, a equivalência mandarim-*on’yomi* (Md-On) se infere numa relação igual:

	Md		On
<i>onset</i>	y- /j/	:	y- /j/

Ocorrência em:

友 MC *hjuwX* > Md. *yǒu /joɥ²⁴/* : On. *yuu [jɥ^β:]* (Baxter-Sagart. p.373)

右 MC *hjuwX* > Md. *yòu /joɥ⁵¹/* : On. *yuu [jɥ^β:]* (Baxter-Sagart. p.373)

6.2 Acréscimos na terminação -t

* -t > -chi, -tsu

	MC		On
<i>offset</i>	-t / <i>t</i> /	:	-chi / <i>tʰi</i> /, -tsu [<i>tʰsiβ</i>]

Como verificável na tabela a sílaba sino-japonesa com final “-t” na escrita do *Sino-japanese* (SJ) se tornou seguida das vogais epentéticas /-u/ e /-i/ num período mais moderno da língua, ainda era possível ser escrito com final -t até o período linguístico *Late Middle Japanese* (LMJ - 1200 a 1600), porém acabou tornando /-ti/ ou /-tu/ em final de palavras, em *New Japanese* (NJ) (Frellesvig, p. 317). Atualmente, na escrita japonesa essas palavras são comumente escritas com o *kana* (つ *tsu*) ou (ち *chi*). Nesta combinação, é possível fazer associação com EMC, mas não uma equivalência atual, em razão do desaparecimento da consoante “-t” em sons finais no mandarim.

Md. -∅ : On. -chi /*tʰi*/, -tsu [*tʰsiβ*]

Ocorrência em:

— EMC *'jit* > Md. *yī* /*i⁵⁵⁻⁵*/ : On. *ichi* /*tʰi*/, *itsu* [*tʰsiβ*] (Baxter-Sagart. p.371)日 MC *nyit* > Md. *ri* /*ɹ⁵¹*/ : On. *nichi* [*nʰi⁵¹tʰi*], *jitsu* [*dʒi⁵¹tʰsi*] (Karlgreen, p. 272)七 MC *tshit* > Md. *qī* /*tʰi⁵⁵*/ : On. *shichi* [*ʃi⁵⁵tʰi*] (Baxter-Sagart. p.85)八 MC *peat* > Md. *bā* /*pā⁵⁵*/ : On. *hachi* [*hā⁵⁵tʰi*] (Baxter-Sagart. p.327)

6.3 Inicial z-/s-

/dz/ → [z], [s], [j] / _V/C

	MC		On
<i>onset</i>	dz- *[dz]	:	z-[dẑ], s- [s], j- [dẑ]

Na língua japonesa, as sibilantes alvéolo-palatais [tɕ ɕ (d)ʑ] geralmente são analisadas como alofones palatalizadas de /t s z/. Estruturalmente, a análise do /z/ é mais conservadora, não há muito contraste, sendo a forma de pronunciar praticamente a mesma que em MC. Smith (1980) argumenta que os fonemas [tɕ ɕ (d)ʑ] em vez de agrupamentos que utilizam o som da consoante “j” simplesmente, é apoiado pela recorrência das sequências com a vogal “e” [tɕe (d)ʑe ɕe] em empréstimos linguísticos, quando não é esta combinação, a consoante “j” é utilizada na transcrição. A relação MC > Md mantém certa proximidade entre [tɕ] e [dz], dessa forma, a equivalência constatada na relação Md-On ocorre da seguinte forma:

	Md		On
<i>onset</i>	q- /tɕʰ/	:	z-[dẑ], s- [s], j- [dẑ]

Ocorrência em:

前 MC /**[dz]**^{en}/ > Md. **qián** /tɕ^hian³⁵/ : On. **zen** [dẑɛ̃N] (Baxter-Sagart. p.356)全 MC **dzjwen** > Md. **quán** /tɕ^hyen³⁵/ : On. **zen** [dẑɛ̃N] (Baxter-Sagart. p.357)上 MC **dzyangX** > Md. **shàng** /ʃan⁵¹/ : On. **jō** [dẑɔ̃:], **shō** [ɕɔ̃:] (Baxter-Sagart. p.358)

6.4. Inicial n-/j-

	MC	On
<i>onset</i>	n- /ŋ/	: n- [ŋ], j- [dʒ]

A inicial n- no MC manteve-se “n-” em *on’yomi* e às vezes no som da consoante “j-” pelos empréstimos *kan-on*. Na parte do mandarim, a pronúncia “er [ʔrɿ]” é consequência de um processo de perda de nasalização, reconstruída por Baxter e Sagart (2014, p.72) como “*nə > nyi > er”. Melhor dizendo, significa que todo fonema inicial /ny/ em MC tornou-se “er-” em mandarim. Mesmo assim, outros exemplos derivam normalmente de MC “n-”. Apesar das duas versões diferentes na parte chinesa, a equivalência abaixo pode ser feita devido a regularidade dessa pronúncia e o *on’yomi* nos casos analisados.

	Md	On
<i>onset</i>	er- [ʔrɿ], n- /ŋ/	: n- [ŋ], j- [dʒ]

Ocorrência em:

二 MC *nyijH* > Md. *èr* [ʔrɿ⁵ʔ] : On. *ni* [ŋi], *ji* [dʒi] (Baxter-Sagart. p. 336)

耳 MC *nyiX* > Md. *ěr* [ʔrɿ²¹⁴] : On. *ji* [dʒi] (Baxter-Sagart. p. 336)

南 MC < *nom* > Md. *nán* /nän³⁵/ : On. *nan* /nan/ (Baxter-Sagart. p. 353)

男 MC < *nom* > Md. *nán* /nän³⁵/ : On. *nan* [nän] (Baxter-Sagart. p. 353)

而 MC *nyi* > Md. *ér* [ʔrɿ³⁵] : On. *ji* [dʒi] (Baxter-Sagart. p. 72)

6.5 Inicial g-

	MC	On
<i>onset</i>	ng- /ng/, [ŋ]	: g- [g]

Em MC, a transcrição fonológica /ng/ se tornou frequente com o som de [g] na pronúncia em *on'yomi*, havendo casos encontrados com a inicial “g-” nos exemplos. No mandarim, a velar /g/ desaparece enfraquecendo o som dos vocabulários, dando lugar à aproximante velar-labial “w”, que por sua vez acompanha a vogal “u” nos casos encontrados. Nos exemplos em que existe essa estrutura, existe a correspondência com a consoante inicial “g” em *on'yomi*. Dessa forma a equivalência se dá na relação:

	Md	On
<i>onset</i>	wu- /u/	: g- [g]

Ocorrência em:

午 MC *nguX* > Md. **wǔ** /u²¹⁴/ : On. **go** [gɔ] (Baxter-Sagart. p. 128)

五 MC *nguX* > Md. **wǔ** /u²¹⁴/ : On. **go** [gɔ] (Baxter-Sagart. p. 365)

吳 MC *ngu* > Md. **wú** /u³⁵/ : On. **go** [gɔ] (Baxter-Sagart. p. 116)

6.6 Acréscimos na terminação -k

*-k> -ki, -ku, -ko

	MC	On
<i>offset</i>	-k /k/	: -ki [kɨ], -ku [kɯ], -ko [kɔ]

A terminação /k/ foi emprestada ao japonês e atualmente é acompanhada pelas vogais epentéticas “i” (depois de /e/) e “u” (depois de /a, o, u/), também havendo casos de terminação -ko. No mandarim, também ocorreu a perda do fonema final na transcrição fonética, no caso /k/.

*k > Ø / C__#

Dessa forma, temos uma semelhança ao que ocorreu nas terminações em “-t” vistas anteriormente, não há correspondência atual entre o *on’yomi* e o mandarim nesta terminação.

Md. -Ø : On. -ki [kɨ], -ku [kɯ], -ko [kɔ]

Ocorrência em:

国 MC *kwok* > Md. guó /kɯɔ³⁵/ : On. *ko*ku [kɔkɯ β] (Baxter-Sagart. p.13)

肉 MC *njuwk* > Md. ròu /zou⁵¹/ : On. *ni*ku [ɲikɯ] (Bernhard Karlgren p .273)

赤 MC *tsyhek* > Md. chì /tʃh⁵¹/ : On. *se*ki [sɛkɨ] (Baxter-Sagart. p.332)

6.7 Inicial k-

	MC		On
<i>onset</i>	k- [k]	:	k- [k]

Combinação inicial semelhante. A consoante velar “k-” em MC permaneceu com a mesma correspondência na leitura *On*. Enquanto no mandarim, houve mais modificações, por exemplo: tornou-se na forma palatal dental tʃ , configurado na letra ‘j’ do *pinyin*. Como também na consoante “g-” do *pinyin*, que transliterado tem o som de /k/. Dessa forma, a correspondência pode ser feita do modo:

	Md		On
<i>onset</i>	j- tʃ , g- /k/	:	k- [k]

Ocorrência em:

今 MC < *kim* > Md. jīn tʃin^{55} / : On. **kin** [kĩN] (Baxter-Sagart. p. 238)

金 MC < *kim* > Md. jīn tʃin^{55} / : On. **kin** [kĩN]

古 MC < *kuH* > Md. gǔ /ku²¹⁴/ : On. **ko** [kɔ]

国 MC *kwok* > Md. guó /kɔ³⁵/ : On. **oku** [kɔkɔ^β] (Baxter-Sagart. p.13)

6.8 Inicial b-/h-

	MC		On
<i>onset</i>	p- /p/ , b- /b/	:	h- [h], b- [b]

Neste caso, o som do labial /b , p/ correspondente a ambos “b” e “h” no japonês, podendo ocorrer casos em que adquire um tom mais soproso em relação à pronúncia MC (“h” era /p/ no período *Old Japanese* ‘OJ’). A semelhança ocorre porque a pronúncia do “b” é bastante similar ao “p”, duas consoantes bilabiais. A

mudança mais recorrente foi a transição do som oclusivo dessas consoantes para o tom fricativo palatal representado pelo “h” nos exemplos encontrados. No mandarim não houve mudanças notáveis nestas iniciais, como resultado estabelecemos a seguinte relação:

	Md		On
<i>onset</i>	b- /b/	:	h- [h], b- [b]

Ocorrência em:

白 MC < *bæk* > Md. *bái* /paɪ³⁵/ : On. *haku* [hākɥ β], *byaku* [biākɥ β] (Baxter-Sagart, p. 327)

百 MC **paek*/ > Md. *bǎi* /paɪ²¹⁴/ : On. *hyaku* [çākɥ β] (Baxter-Sagart, p. 328)

6.9 Terminação -n

	MC		On
<i>offset</i>	-n /n/, -m /m/	:	-n [N]

A terminação -m foi escrita em japonês representando um *kana* próprio: “ム”, uma consoante nasal uvular representada pelo símbolo [N] (ver Anexo A), e que em posição de *coda*²¹ pode ser pronunciada como [m] e [n] dependendo da posição de articulação da consoante seguinte. É importante frisar que não se trata de /N/, um arquifonema frequentemente utilizado em descrições fonológicas da língua japonesa, que também pode variar na pronúncia se houver consoantes na sequência.

.Na relação MC>Md as terminações -n e -m, se configuraram apenas em -n. Assim a equivalência sonora Md-On se configura da forma a seguir:

²¹*Coda*: Semelhante a *offset*, na fonologia, *coda* é a consoante que ocupa a posição final de uma sílaba, onde ocorre o travamento da sílaba. A *coda*, juntamente com o núcleo, forma a rima silábica

	Md		On
<i>offset</i>	-n /n/	:	-n [N]

Ocorrência em:

南 MC < *nom* > Md. nán /nän³⁵/ : On. nan /nan/ (Baxter-Sagart. p. 353)

男 MC < *nom* > Md. nán /nän³⁵/ : On. nan [nǎN] (Baxter-Sagart. p. 353)

三 MC < *sam* > Md. sān /sän⁵⁵/ : On. san [sǎN] (Karlgren. p. 11)

分 MC /pjun/ > Md. fēn /fən⁵⁵/ : On. fun [φũN] (Karlgren. p. 43)

6.10 Inicial m-/b-

	MC		On
<i>onset</i>	m- /m/	:	m- /m/ , b- /b/

Nesta combinação, a consoante inicial “m” tem sons de “m” e “b” na leitura *On*. Havendo mais de um cenário em que existe inicial “b-” no *on’yomi*. Podemos justificar que na adaptação japonesa, perdeu-se a nasalização do som do “m” e foi substituído para um bilabial mais explosivo como “b”, ambos não são tão distantes. Nos ideogramas analisados, as pronúncias advêm de fontes bastante parecidas. Na relação *Middle Chinese-Mandarim* (MC-Md) não houve variação, sendo assim a relação Md-On mantém-se da forma:

	Md		On
<i>onset</i>	m- /m/	:	m- /m/ , b- /b/

Ocorrência em:

木 MC /mjwkw/ > Md. mù /mu⁵¹/ : On. moku [mɔkɰ β], boku [bɔkɰ β] (Baxter-Sagart. p.353)

目 MC /muwk/ > Md. mù /mu⁵¹/ : On. moku [mɔkɰ β], boku [bɔkɰ β] (Baxter-Sagart. p.353)

母 MC < *muwX* > Md. *mǔ* /*mu*²¹⁴/ : On. *bo* [*bɔ̃*] (Baxter-Sagart. p. 397)

明 MC *mjaeng* > Md. *míng* /*miŋ*³⁵/ : On. *myō* /*miɔː*/, *mei* [*mɛː*] (Karlgren. p.199)

6.11 Observações

Vale enfatizar que as leituras *on'yomi* que foram analisadas são aquelas cujas pronúncias são reconhecidas pelo *corpus* da pesquisa, o *Jōyō kanji*, sons que sejam de fora dos critérios colocados não foram considerados (tópico 5). Alguns *kanji* possuem ambas as leituras *go-on* e *kan-on*, sendo assim, foram agrupados em ambas leituras presentes no quadro 3 a seguir.

As leituras japonesas foram transliteradas para o *romaji*, para que possam ser lidas por não falantes de japonês, da mesma forma que estiveram nas relações analisadas anteriormente. Nesse sentido, a correspondência é montada de forma que é conveniente para falantes de língua portuguesa, ou que utilizem o mesmo alfabeto.

O resultado confere relação de equivalência entre unidades iniciais e finais, e não por palavras inteiras. Salientamos que as sílabas dispensam os tons da pronúncia do mandarim, pois estes não interferem nos fonemas da transcrição fonética de forma significativa, a numeração indicada na transcrição IPA representa somente a forma de pronunciar. Por exemplo: “*èr* [*ʔɿ*⁵³¹]” e “*ěr* [*ʔɿ*²¹⁴]” (IPA; ver Anexo A) tem tons diferentes (4º e 3º; tópico 2.2.2), mas a fonética permanece com a velar fricativa (*ɾ*) e aproximante retroflexo (*ɻ*), com os números apenas diferenciando a acentuação na pronúncia. Sendo assim, são informações meramente complementares, pois o essencial se manteve.

Com as associações feitas nas análises, é possível estipular exemplos de tendências fonéticas e fonológicas que ocorrem entre os dois idiomas. Isto significa que na maioria das vezes onde houver uma letra inicial ou final dos pares nas amostras, a correspondência no outro idioma será o equivalente encontrado nestas tabelas.

Dentre características notadas foneticamente, percebemos que muitas leituras *on* não se assemelham idênticamente ao chinês padrão moderno. Devido aos períodos históricos diferentes em que o contato linguístico ocorreu, e a evolução

de cada idioma individualmente, as pronúncias pesquisadas diferem substancialmente embora existam termos cognatos.

Isso significa que atualmente temos correspondências Md-On regulares, mas muitas não idênticas se formos avaliar a estrutura de uma palavras por inteiro (início e fim). Por exemplo no ideograma “四” (Md. sì : On. shi). Outro exemplo “上” (Md. shàng : On. shō /syau/).

6.12 Quadro de correspondências sonoras mandarim-japonês

Com base nas relações Md-On alcançadas nas análises feitas, o quadro 3 abaixo foi criado separadamente pelos empréstimos linguísticos *go-on* e *kan-on* na parte japonesa. Assim é possível visualizar a diferença na fonética e fonologia japonesa de forma mais clara em comparação com mandarim, observando a pronúncia do respectivo empréstimo linguístico.

Quadro 3 - Correspondências Sonoras Md-On

Categoria	Mandarim	On'yomi	
		Go-on	Kan-on
onset	y- /j/	∅	y- /j/
offset	-∅	-chi /tʃi/	-tsu [tsi ^β]
onset	q- /tʃʰ/	z- [dz], j- [dz]	s- [s]
onset	er- [ʔr̥], n- /ŋ/	n- [ŋ]	j- [dʒ]
onset	wu- /u/	g- [g]	g- [g]
offset	-∅	-ku [kɯ]	-ko [kɔ], -ki [ki]
onset	j- /tʃʰ/, g- /k/	k- [k]	k- [k]
onset	b- /b/	b- [b], h- [h]	h- [h]
offset	-n /n/	-n [N]	-n [N]
onset	m- /m/	m- /m/	m- /m/, b- /b/

Fonte: Elaboração própria, 2024.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as análises feitas, e o resultado obtido no quadro Md-On, foi possível visualizar uma relação de equivalência entre os dois idiomas, dentro do nosso recorte de pesquisa. Percebe-se influência do período linguístico EMC nos dois idiomas relacionados. Isto ocorreu através da pronúncia, representado pela fonética e fonologia, como também no compartilhamento de ideogramas que mantiveram o mesmo significado nos dois idiomas.

Na perspectiva do contato linguístico ocorrido, observamos que as correspondências *go-on* e *kan-on* não foram tão expressivamente divergentes entre si, compartilham leituras em comum, mas com inclinação à alguma variação maior na leitura *kan-on* em relação ao EMC. Sabemos que os *kanji* que fazem parte do *go-on* foram introduzidos primeiro que outros, apesar disso o *kan-on* aparenta ser de uso mais frequente nas leituras *on* nos ideogramas analisados. Numa pesquisa de larga escala, isso poderia indicar que houve um maior contato nesse período linguístico do que em outros momentos históricos do Japão. Isto colabora para o entendimento do contexto em que ocorreu esse contato.

Em geral, percebe-se que há poucas correspondências da relação Md-On idênticas, apenas a inicial b- terminação -n e a inicial m- , com ressalva para outras leituras também utilizadas, o que pode refletir as mudanças na fonética e fonológica da língua japonesa. Vimos que nem todos os ideogramas derivam de uma mesma proto-pronúncia, apesar de possuírem usos semelhantes, o que pode evidenciar que determinados ideogramas podem estar inseridos em contextos sócio-históricos distintos.

As mudanças linguísticas requerem compreensão da perspectiva diacrônica abordada na linguística histórica, em razão desse campo de pesquisa ser amplamente abrangente. Por meio do método comparativo baseado em Crowley e Bower (2010), este estudo pode oferecer contribuições para pesquisas que investigam o contato linguístico manifestado nos empréstimos linguísticos japoneses, bem como para a área de estudos sino-japoneses dentro da linguística.

O resultado apresentado oferece evidências significativas para a reconstrução fonética e fonológica do *on'yomi* japonês. Além disso, estabelece uma correlação entre as leituras *on* nos vocabulários sino-japoneses e o mandarim moderno,

contribuindo para uma melhor compreensão das equivalências linguísticas entre essas línguas.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Alex Pereira. **História Concisa da Linguística**. UESC. 2010. p.1-10.

BAXTER, H.William; SAGART, Laurent. **Old Chinese: a new reconstruction**. Oxford University. 2014.

CAMPBELL, Lyle. **Historical Linguistics – An Introduction**. Edinburgh University. 1998.

CROMLEY, Terry; BOWERN, Claire. **An Introduction to Historical Linguistics**. Oxford University. 2010.

DUANMU, San. **The phonology of Standard Chinese – Second Edition**. Oxford University Press Inc. New York. 2007.

Eberhard, David M; Gary F. Simons; Charles D. Fennig. **Ethnologue: Languages of the World**. Twenty-seventh edition. SIL International. Dallas, Texas. 2023: Disponível em: www.ethnologue.com. Acesso em: 10 dez. 2023.

EMBAIXADA DO JAPÃO NO BRASIL. **A língua japonesa**. Disponível em: www.br.emb-japan.go.jp. Acesso em: 10 dez. 2023.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica** - Uma introdução ao estudo da história das línguas. Parábola Editorial. São Paulo. 2005.

FRELLESVIG, Bjarke. **A History of the Japanese Language**. Cambridge University Press. New York. 2010.

HANBOOK. **All about Chinese Pinyin**. Disponível em: www.hanbook.com/chinese-dictionary/pinyin. Acesso em: 17 set. 2024

HASEGAWA, Yoko. **JAPANESE - A Linguistic Introduction**. Cambridge University Press. Cambridge. 2015.

HENSHALL, Kenneth G;SEELEY, Christopher;JIAGENG Fan. **The complete guide to Japanese Kanji** – Remembering and understanding the 2136 standard characters. TUTTLE Publishing. Periplus Editions. 2003.

INTERNATIONAL PHONETIC ASSOCIATION. **Full IPA Chart**. 2019. Disponível em: www.internationalphoneticassociation.org/content/full-ipa-chart. Acesso em: 19 set. 2024.

JLPTSTUDY. **The JLPT Level N5 Study Page**. WOUDE, Peter van der. Disponibilizado em: jlpstudy.net/N5/. Acesso em: 22 out. 2023

KARLGREN, Bernhard. **Analytic Dictionary of Chinese and Sino-Japanese**. Dover Publications Inc. 1974.

MIYAKE, Marc Hideo. **Old Japanese – A phonetic reconstruction**. RoutledgeCurzon. 2003.

PULLEYBLANK, Edwin G. **Lexicon of Reconstructed Pronunciation** – in Early Middle Chinese, Late Middle Chinese, and Early Mandarin. UBC Press. 1991.

SAKADE, Florence. **A Guide to Reading & Writing Japanese**. Third Edition. TUTTLE Publishing. Periplus Editions. 2003.

SHIBATANI, Masayoshi. **The Languages of Japan**. Cambridge University Press. 2008. pp. 121.

SMITH. Edward R. **Natural Phonology of Japanese**. PhD Thesis. University of Hawaii. 1980.

ANEXO A - ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL PARA CONSOANTES

O ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL (revisado até 2019)											
CONSOANTES (PULMÔNICAS)											© 2019 IPA
	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Pós-alveolar	Retroflexo	Palatal	Velar	Uvular	Faringal	Glotal
Plosiva	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Vibrante	ʙ			r					ʀ		
Tap ou flap		ɸ		ɾ		ɽ					
Fricativa	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Fricativa lateral				ɬ ɮ							
Aproximante		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Aproximante lateral				l		ɭ	ʎ	ʟ			

Os símbolos à direita de uma célula são vozeados, à esquerda são não vozeados. Áreas sombreadas denotam articulações julgadas como impossíveis.

Fonte: International Phonetic Association, 2019.